

CONFIGURAÇÕES RURBANAS NO BAIRRO SANTA MARTA EM CAMAQUÃ/RS: EXPERIÊNCIAS DE TEMPO E ESPAÇO

*RURBAN CONFIGURATIONS IN THE SANTA MARTA NEIGHBORHOOD IN CAMAQUÃ/RS:
TIME AND SPACE EXPERIENCES*

Carlos Eduardo Simões da Silva¹

Carlos Eduardo da Silva Ribeiro²

RESUMO: Através de produção e análise fotográfica, levantamento bibliográfico e imersão etnográfica, o trabalho se detém sobre os modos de sociabilidade dos moradores do bairro Santa Marta, na cidade de Camaquã/RS. A economia do município, localizada no interior do Estado, se baseia nos serviços e nas agroindústrias arrozeira e fumicultora. O bairro da Santa Marta era, nas décadas passadas, predominantemente constituído por lavouras, sangas e formas de arranjo familiar e trabalho predominantemente rurais. Argumentamos que as paisagens, a economia e os modos de vida do bairro se organizam através de camadas de diferentes tempos sociais sobrepostos (MARTINS, 2014), tensionando também o binômio rural/urbano e situando-se no que aqui tratamos como *rurbano*. Interessa à pesquisa a amálgama entre ideias, práticas e estéticas tradicionais relacionalmente a outras que poderiam ser tipificadas como modernizadoras, estas muitas vezes conduzidas pelos hábitos e desejos da juventude, expressos, por exemplo, em apropriação da cultura do *funk*, nas formas das relações sociais e hábitos de consumo.

PALAVRAS-CHAVE: Camaquã, bairro, rurbano, estudo de caso.

ABSTRACT: Through photographic production and analysis, literature review, and ethnographic immersion, the paper focuses on the modes of sociability among residents of Santa Marta neighborhood in the city of Camaquã in the state of Rio Grande do Sul/Brazil. The economy of the city, located in the interior of the state, is based on services and the rice and tobacco agro-industries. In past decades, Santa Marta neighborhood was predominantly composed of crops, streams, and predominantly rural forms of family arrangements and work. We argue that the landscapes, economy, and ways of life in the neighborhood are organized through layers of

¹ Licenciado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e em Geografia pela Uniasselvi. Mestrando em Sociologia pela UFPel. E-mail: carlosc.sociais@gmail.com

² Mestre em Sociologia pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Doutor em Comunicação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail: dudaribeirodudaribeiro@gmail.com

different overlapping social times (MARTINS, 2014), also challenging the rural/urban binary and situating them within what we refer to as rurban. The research is interested in the amalgamation of traditional ideas, practices, and aesthetics in relation to others that could be characterized as modernizing, often driven by the habits and desires of youth, expressed, for example, in the appropriation of funk culture, forms of social relationships, and consumption habits.

KEYWORDS: Camaquã; neighborhood; rurban; case study.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Santa Marta é um bairro periférico da cidade de Camaquã/RS, formado por populações que, em grande medida, chegaram da “serra” — interior rural de relevo mais acidentado — em movimento de aproximação com a cidade. Neste local se estabelecem em pequenas propriedades — próprias ou arrendadas — onde foi e é possível manter parte de suas práticas tradicionais ou tipicamente rurais como o cultivo de alimentos, criação de animais e a utilização de veículos de tração animal. Forma-se ali uma vizinhança que mescla dinâmicas e formas de ocupação rurais àquelas que se entende por urbanas, com significativa presença de arranjos pluriativos³ entre as famílias. Essas características encontram correspondência naquilo que Freyre (1982) tipifica como *rubano*, a saber, uma situação psicossociocultural e econômica que combina, como formas e conteúdos de uma só vivência, os valores e estilos de vida rurais e valores e estilo de vida urbanos. O artigo propõe refletir sobre como se dão as formas de vida e sociabilidade no bairro da Santa Marta à luz das tensões entre tradicional e moderno, e entre rural e urbano, com especial atenção ao seu contexto presente, em que se nota a expansão populacional. Uma questão adjunta pode ser enunciada como: em que medida essa expansão redundará em urbanização?

Em um primeiro tópico, adensaremos os lastros metodológicos do trabalho. No segundo tópico, contextualizaremos o bairro e a cidade de que tratamos, tendo mais clara a situação do bairro Santa Marta no que chamamos *rurbano*. Após, em um terceiro tópico, adentraremos

³ A pluriatividade se refere à multiplicidade de formas de trabalho e renda das unidades agrícolas e pode ser atribuída àquelas famílias rurais cujo um ou mais de seus membros desempenham mais de uma atividade ocupacional rentável, seja dentro ou fora da propriedade. Seria o caso da família que, além do cultivo agrícola, tem um ou mais membros empregues na indústria ou do agricultor que produz, beneficia e/ou comercializa diretamente seus produtos, por exemplo. A pluriatividade, portanto, segundo Fuller (*apud* SCHNEIDER, 2003, p. 105) “refere-se a uma unidade produtiva multidimensional, onde se pratica a agricultura e outras atividades, tanto dentro como fora da propriedade, pelas quais são recebidos diferentes tipos de remuneração e receitas”.

especificidades econômicas e culturais que logo nos chamaram atenção em campo: de maneira conjunta à produção rural que se mostra expressiva na localidade, a “zona” — um conjunto de casas noturnas, nas quais ocorre a prática da prostituição — adquire importância na economia do bairro e na vida noturna da cidade. Em um último momento e quarto tópico, pensaremos a “zona” e a juventude local em suas formas de experienciar o conflito entre tradicional e moderno, o rural e o urbano.

2. METODOLOGIA

É relevante para a construção metodológica do trabalho retomar a noção de “artesanato intelectual” apresentada por José de Souza Martins (2014), proposta que prioriza uma sociologia de visão crítica e vivencial, valorizando inclusive as memórias do cientista. A experiência dos autores em relação ao local se dá há mais de uma década, devido à proximidade entre os nossos próprios locais de morada com o local de estudo elegido⁴. As entrevistas realizadas e observações com maior rigor, contudo, situam-se desde o início do ano de 2017. Realizamos, entre 2017 e 2019, experiências de campo no referido bairro, acompanhadas de entrevistas não-estruturadas com moradores, produção de fotografias e pesquisa bibliográfica. Dada a natureza exploratória e qualitativa da pesquisa, não é a pretensão exaurir as possibilidades de interpretação acerca dos dados levantados, mas sim produzir uma interpretação original com vistas a um problema de pesquisa.

Temos em vista as contribuições de Jacques Derrida (1996) no sentido de compreender a linguagem para além da oposição entre forma e conteúdo, ou seja, tendo em vista a constituição mútua entre essas dimensões. Dessa perspectiva, a linguagem se trata de uma ferramenta de construção de conhecimento, e não apenas de referência a um universo exterior como tal. Assim, trabalharemos no texto com oposições como “tradicional” e “moderno” e, “rural” e “urbano”, não de maneira dicotômica — ou seja, que diga que o bairro é ou isso ou aquilo —, mas pensando essas categorias como polaridades dentre as quais existe uma continuidade; como uma relação que

⁴ Quanto à proximidade dos autores com o local de estudo, se tornam interessantes os apontamentos de Martins (2006, p.35): “O estranho e o estrangeiro têm a vantagem sociológica de ver de fora para dentro e, nesse sentido, compreender mais e melhor, mais objetivamente o que vê, descreve e analisa. Seu estranhamento natural cumpre com mais facilidade uma função metodológica. Mas o de dentro vê mais e melhor as sutilezas da vida social que banalizam o ver e o compreender, tornando-as patrimônio pessoal oculto daqueles que alguns autores definem como membro daquela sociedade. Só o membro domina naturalmente o que o estranho dificilmente dominará e compreenderá.”

aproxima e integra dois mundos, sendo o “rurbano” algo que se pode situar na ideia de *continuum*. Segundo Wanderley (2001), essa continuidade rural-urbano pode ser entendida como algo que se desenha entre os dois pólos, sem com isso incorrer numa suposição de dominância ou descaracterização de um espaço ou cultura em função da outra. Dessa forma, concebemos espaços e culturas integradas, porém dotadas de especificidades.

3. A CIDADE DE CAMAQUÃ

Figura 1: Imagem aérea da cidade de Camaquã



Fonte: Google Maps

A cidade de Camaquã (Fotografia 1) tem pouco mais de 66 mil habitantes⁵. Em termos de produção primária, as culturas predominantes são arroz, fumo e eucalipto. Mesmo no perímetro urbano, a cidade é amplamente permeada por símbolos que remetem ao rural, como as músicas e trajes tradicionalistas, a presença de cavalos e animais de tração — muito mais comuns no bairro da Santa Marta do que no centro ou nos outros bairros —, a sobrevivência de uma arquitetura “serrana”, a importância do CTG na agenda cultural do município. A cidade serve como centro

⁵ Os dados estão em afinidade com estimativa do IBGE cidades, referentes ao município de Camaquã. Acessados em 21 de julho de 2022, acessíveis em: < <https://goo.gl/RWvjbf> >.

comercial para diversos produtores rurais dos arredores ou das cidades vizinhas de menor porte, o que adensa a permeabilidade do centro da cidade por elementos rurais.

Figura 2: Imagem aérea do bairro da Santa Marta



Fonte: Google Maps

Posto isso, reconhecemos empiricamente que no bairro Santa Marta (Fotografia 2), comparativamente ao restante do perímetro oficialmente urbano, há preponderância daquilo que remete ao rural, o que se expressa nas paisagens, na arquitetura, nas linguagens, nas formas de trabalho, na sociabilidade, dentre outros aspectos. Isto se dá, em grande medida, devido à localização do bairro em uma zona de transição entre a cidade e a serra, ou seja, nos limites geográficos da cidade.

Figura 3: interior de uma residência



Fonte: acervo dos autores

Já as diferenças sociais internas à população do bairro da Santa Marta estão expressas, por exemplo, no perfil das residências, que por vezes já se encontram em terrenos menores, geralmente fruto de divisões entre a família ou venda a terceiros; o que expressa uma identificação material crescente do bairro com o padrão do perímetro urbano, que eventualmente toma o lugar de práticas como a agricultura e a criação. Dito isso, a “urbanização” do bairro e sua descaracterização como um ambiente propriamente rural não redundam na concepção de uma futura mesmidade com o urbano. O processo de urbanização da Santa Marta, periférico em relação ao centro, mantém com o centro uma relação de alteridade, relação intransponível pela aproximação simbólica visível. A relativa assimilação de signos urbanos no bairro carrega paradoxalmente a continuidade de uma *différance*⁶ (DERRIDA, 1968) já que ambas as regiões estão entremeadas em seus próprios processos de diferenciação, uma em relação à outra, e cada uma em relação a si mesma.

⁶ O neologismo *différance* cunhado pelo filósofo franco-argelino Jacques Derrida – que, nas palavras do mesmo, não trata-se de um conceito – rompe com a reificação das identidades, trazendo à luz as forças em movimento nos processos de diferenciação e, assim, indo além da diferença enquanto “presença” e também indo além da centralidade que o signo ocupa na semiologia saussureana. O neologismo *différance* mescla ao “diferir” a ideia de “deferir” ou seja, da diferenciação também como “adiamento”, como uma temporização que não se limita ao visível. Assim, a *différance* é o próprio motor que antecede a relação entre identidade e diferença. Ela opera em dois sentidos simultaneamente: refere-se a uma diferença originária, tal como a uma diferença por-vir. A partir disso, nos interessa que os significados não estão em relação direta com seus significantes, mas, como elaborado no corpo do texto, há infinitas mudanças de significado retransmitidas entre significantes (MENDONÇA, LINHARES e BARROS, 2016; DERRIDA, 1996).

A fim de melhor compreendermos a especificidade da Santa Marta em relação à totalidade da cidade, passaremos no tópico seguinte a deter maior atenção às formas de produção econômicas predominantes no bairro ou, ao menos, às mais socialmente significantes, por fim dando ênfase na observação da “zona” — maneira como é conhecida a parte do bairro que contém as casas de prostituição — na construção da especificidade do bairro justamente como aquilo que o centro não pode ser.

4. A ECONOMIA DO BAIRRO

...o rural pode subsistir culturalmente por longo tempo fora da economia agrícola. Pode subsistir como visão de mundo, como nostalgia criativa e autodefensiva, como moralidade em ambientes moralmente degradados das grandes cidades, como criatividade e estratégia de vida numa transição que já não se cumpre conforme a profecia dos sociólogos. Essa transição é antes inconclusa passagem, um transitório que permanece, uma promessa de bem-estar que não se confirma, uma espécie de agonia sem fim. (MARTINS, 2014, p. 221)

A Santa Marta se posiciona em uma extremidade da cidade e suas dimensões comportam significativa área não urbanizada. Após observações e vivências em campo, pudemos perceber que praticamente todas as famílias se conhecem e opera, em certa medida, uma economia solidária entre alguns, onde, não raro, os que produzem verduras, legumes, ovos ou leite escoam sua produção na própria vizinhança, oferecendo de porta em porta, vendendo por dinheiro ou trocando por favores — como uma carona, ajuda ou serviço — ou por objetos úteis, em forma de escambo. Quanto ao comércio formal, não há, por exemplo, farmácias e supermercados, que só podem ser acessados em deslocamento em direção ao centro. Apenas nos últimos dez anos surgem os primeiros mercados com padaria e que operam com cartões de crédito, sendo esta ainda uma prática minoritária e o PIX ainda não plenamente incorporado. Nos pequenos estabelecimentos mais tradicionais é comum a utilização de cadernos de conta e também que os comerciantes revendam produtos locais, como a mandioca, a batata-doce e feijão, contribuindo para que a fidelidade se sobressaia em relação à possibilidade de acesso à diversidade.

Figura 4: anúncio em estabelecimento comercial



Fonte: acervo dos autores

Há agricultores que diversificam suas atividades oferecendo serviços de hotelaria para cavalos e promovendo eventos de laço e gineteadas, com ampla participação do público de outras partes da cidade. Pessoas com ocupações urbanas pagam para manter seus cavalos tratados nesses locais e os utilizam como meio de lazer nos fins de semana, o que pode envolver a participação nos eventos ou apenas passeios a cavalo em meio às paisagens ainda bastante rurais que o bairro Santa Marta oferece. A procura por esse tipo de experiência por parte da população urbana sugere trocas culturais de mão dupla entre as diferentes partes da cidade — que podemos chamar, não sem algum esquematismo, de rural e urbano —, e não apenas a influência unilateral de um sobre o outro. Se, de certo modo, é possível observar a urbanização do bairro, também são verdadeiras as influências socioculturais que sua dimensão rural exerce sobre outras áreas da cidade.

Figura 5: charreteiro



Fonte: acervo dos autores

A manifestação de características marcadamente rurais ou interioranas neste bairro atualiza a alteridade em relação ao centro ou ao urbano, afinando-se com o sentido de “adiamento” que pode ser pensado a partir da *différance* de Jacques Derrida. A diferença expressa nos sistemas de gosto, estética e moral no bairro da Santa Marta são contingenciais ao que estes sujeitos compreendem como urbano, mas não somente. Ela é parte de um sistema de reenvios simbólicos e de produção de diferenças, ou seja, assume para si a representação do não-urbano num jogo de diferenciação relacional com o centro da cidade. Como formula Derrida (1996, p.43), “uma identidade nunca é dada, recebida ou alcançada [...] apenas existe o processo interminável, indefinidamente fantasmático, da identificação”⁷. Assim, a perceptível urbanização da Santa Marta não prescinde de uma reiteração da diferença em relação à urbanidade, diferença que, nos limites do possível, comparece no seu processo de identificação. Isso pode ser verificado, por exemplo, na Figura 5, onde vemos um morador deslocando-se em uma carroça. As condições do seu veículo, o asseio da pintura na madeira e a aparência do cavalo demonstram um dispêndio de tempo e cuidado que dão a ver um lado ativo da identificação do sujeito que não pode ser reduzida a uma

⁷ Ainda que na formulação original Derrida se referisse à identidade individual e à escritura, e aqui transpomos a identidade ao bairro, ambas remetem ao mesmo milenar conceito filosófico que remete a uma (suposta) mesmidade.

limitação devido a um enquadramento de classe, ou a uma falta de outra natureza. O gasto de tempo e recursos envolvido na manutenção do instrumento de locomoção não indica necessariamente precariedade. Expressa um agenciamento em um processo de diferenciação em relação ao usualmente urbano: a escolha pelo carro.

Na medida em que avançamos no bairro em direção à serra e em distanciamento ao centro, começam a compor a paisagem, dentre casas, estabelecimentos comerciais e cabarés, os campos com cavalos e as lavouras de fumo. O tabaco é o cultivo ao qual se dedicam praticamente todas as famílias de camponeses da serra e também aquelas que se estabelecem na Santa Marta, visto que a produção de arroz e eucalipto, também predominantes na economia da cidade, são geralmente empreendidas pelo agronegócio. Os caminhos históricos que explicam a transição dos tipos de cultivo pelas famílias camponesas locais e sua consequente inserção e dependência na cadeia produtiva do tabaco relacionam-se com a modernização agrícola e a crise na agropecuária brasileira na década de 1980 (HILSINGER, 2016). Nesse processo, muitas famílias experimentaram perda de renda e dificuldades na comercialização de seus produtos, forçando-as a buscar novas alternativas. É aí que a agroindústria do tabaco se destaca como alternativa na região, oferecendo garantia de comercialização da produção e oferta de assistência técnica e financeira. Esse processo pode ser visto também como fator de liquefação dos saberes e modo de vida tradicionais da população local, estando agora essas práticas — a produção de alimentos, por exemplo — restritas a um papel secundário na produção rural local. O fenômeno estreitou a dependência do agricultor em relação à cidade. É também comum que alguns moradores da Santa Marta que têm ocupações profissionais tipicamente urbanas, criem cavalos de estimação, galinhas no quintal e prestem serviço nas lavouras de fumo nos períodos de safra, como forma de obtenção de renda extra.

5. A ZONA E A JUVENTUDE: ENTRE O TRADICIONAL E O MODERNO

Localizada em uma estrada que corta a Santa Marta e faz a conexão da cidade com alguns de seus distritos rurais (nomeadamente a região da serra), situa-se um conjunto de cabarés, área conhecida por “zona”. É um elemento tradicional da cultura camaquense, que confere visibilidade para o bairro. Por décadas, os colonos acessam a cidade — geralmente para a utilização de serviços bancários e compra de equipamentos e insumos — e passam necessariamente pela zona, pois é o trajeto inclusive das linhas de ônibus. Muitos ficam ali por algum tempo. Neste local se encontram

os cidadãos do meio rural, do urbano e forasteiros que estão apenas de passagem, além das prostitutas que geralmente vêm da região metropolitana, formando um ambiente cultural bastante diverso. Alguns reflexos desse ambiente na comunidade podem ser percebidos, por exemplo, entre os mais jovens que chegam do interior acompanhando suas famílias e passam a receber influências e estímulos dos quais estariam provavelmente menos expostos em seu meio de origem, visto que não há local semelhante no interior do município, bem como no interior mais profundo são precárias condições de acesso à internet e inexistem locais de ampla circulação de pessoas.

Figura 6: campo na Santa Marta



Fonte: acervo dos autores

Figura 7: novas habitações na Santa Marta



Fonte: acervo dos autores

A zona pode ser entendida como local de oportunidades de formas de inclusão degradada (MARTINS, 2012). Observamos importante relação entre a presença da zona e das formas de sociabilidade no entorno dela constituídas com a veiculação de tendências culturais próprias da cidade, mormente da periferia, como o rap, o funk, as tatuagens, as drogas, o crack e a prática do roubo que lhe é coextensivo. Martins questiona a expressão “exclusão social” e afirma que o capitalismo contemporâneo oferece, antes, formas de inclusão degradadas. Essa perspectiva contempla inclusões sociais frágeis, como àquelas que se dão apenas através do consumo, dos auxílios de transferência de renda, mas também a participação econômica precária, informal, marginal ou criminosa.

Entendemos aqui uma possível crise de identidade da juventude oriunda de sistemas rurais frente a aproximação com o urbano, eventualmente expressa como modalidades de delinquência, que pode ser em parte compreendida através da crescente falta de perspectivas para os jovens que vivem da agricultura (CARNEIRO, 1998). Ainda utilizando a perspectiva de José Maria Carneiro, pensamos que a construção identitária no caso apresentado se orienta pelo recorrente desejo de inserção no mundo moderno em contradição com o sentimento de pertencimento à localidade de origem; pesadas as dificuldades nessa inserção supracitadas a partir de Martins (2012).

Paradoxalmente, o fenômeno do crack tem fomentado a decadência econômica da zona que, apesar de tudo, reformula-se e se mantém. Alguns cabarés tornaram-se lojas de conveniências para os demais, fornecendo bebidas e produtos durante a madrugada, enquanto o comércio convencional não atende. Outros foram identificados como pontos de tráfico de drogas e alguns se tornaram bares comuns, isto é, sem prostituição. As conveniências também atendem às necessidades e demandas dos usuários de drogas locais: observamos lacres de latas de achocolatado sendo vendidas por R\$ 1,00 para os usuários improvisarem seus cachimbos. Alguns vendem alimentos produzidos por suas famílias que residem no entorno para a compra de drogas, ou trocam diretamente quando possível, de forma que os traficantes acabam comprando e consumindo muito da produção local, além de produtos fruto de roubo ou abigeato. Receitação, penhora e designação de tarefas por conta de dívidas foram observadas. Donas-de-casa locais prestam serviços para as prostitutas ou para as proprietárias dos cabarés, em sua maioria mulheres. Entre estes serviços, os mais comuns são limpeza de roupas, faxinas, venda de produtos de beleza por revistas e pensionato para as crianças em suas próprias casas, muitas vezes dividindo o quarto com seus próprios filhos. A partir disso, interessa o pensamento de Martins (2012, p.47), para quem

A comunidade constitui o elemento central da realidade do camponês e do que do camponês ainda subsiste nos desertados da terra. Exprime o modo possível de como pode ele conceber sua existência. Mesmo nos dilaceramentos sociais próprios da expansão do capital, populações socializadas nas concepções da tradição comunitária tendem a preservar essas referências por mais tempo do que as propriamente urbanas, as reduzidas à precária e sempre provisória comunidade de vizinhança.

Neste sentido, paradoxalmente ao sentido cosmopolita que o ambiente da zona pode significar em relação a todo o ambiente sociocultural em que está inserida, ainda resta sentido em uma aproximação da lógica do bairro com a de uma forma bastante mecânica — ou seja, não-orgânica — de organização social, se referirmos aos termos de Durkheim (1999) em *A divisão do trabalho social*. No entanto, é possível observar uma certa interdependência das partes no ordenamento da vida social, que conta com certa pessoalidade, o que se aproxima, por outro lado, às formas orgânicas de organização. Pensamos que tanto essa afinidade com uma lógica “pré-industrial” nos termos de Durkheim, quanto o tipo de choque cultural vivenciado pelas juventudes oriundas da “serra” referenciadas anteriormente a partir do estudo de Carneiro (1998), se expressam na trajetória de um dos entrevistados que se mostrou mais solícito, o Lobizome.

Recebeu o pseudônimo de familiares e vizinhos devido ao comportamento que apresentava durante a infância e adolescência: conta-se, com a confirmação do próprio, que às vezes fugia de casa — motivos ainda desconhecidos, mas possivelmente relacionados a problemas domésticos — e se escondia no mato por dias, sobrevivendo de pequenos furtos que lograva da vizinhança rural. Afirmava não saber escrever o próprio nome — nem o primeiro —, um dos possíveis motivos pelos quais assume “Lobizome” como forma de identificação. Outro motivo para tanto seria uma possibilidade de status imbricada no termo que, ao carregar um lado grotesco e animalesco, pode dar-lhe a possibilidade de prestígio. Em determinado momento, passou a ser perseguido e denunciado pelos vizinhos que não o viam com bons olhos. Soma-se isso o fato de uma desilusão amorosa que relata em entrevistas, pelo qual resolveu deixar seu pai e ir para cidade com sua mãe, que já tratava de arrendar propriedades na Santa Marta. Vindo aos 17 anos com sua mãe e irmãos do interior da região, as histórias que gosta de contar giram em torno da caça de tatu e de brigas, ameaças e apuros que enfrentava na serra com seu pai. Costumeiramente expressa o gosto pelo meio urbano - sendo Camaquã o maior centro urbano com que tivera amplo contato até então —, bem como o desejo de ter uma moto e as possibilidades que teria com ela, o que incluem vantagens sociais e sexuais, bem como a possibilidade de realizar furtos e facilitação da fuga.

Na Santa Marta, durante a realização das entrevistas, passava pouco tempo com sua mãe, sem participar dos afazeres de perfil rural nos quais ela tomava parte. Dormia na casa de parentes e amigos, onde oferecia serviços domésticos que, em contrapartida, lhe permitiam acesso aos recursos da casa — comidas, geladeira, aparelhos de som onde ouve funk, cama, banho, refrigerantes, bebidas, fumo, etc — sendo que, para isso, precisava arrumar e limpar os ambientes e realizar tarefas para as quais fosse solicitado. Também trabalhava em certas ocasiões como servente de pedreiro e em serviços de capinagem. Dessas maneiras se incluía na comunidade e na economia local, reproduzindo certo caráter informal típico na mesma. No novo bairro, passou a desenvolver relação afetiva com uma prostituta que trabalhava no bar de um parente distante e, quando podia, passava as noites na referida boate, julgando tomar certo cuidado da menina, embora sem poder impedi-la de realizar seu trabalho usual.

Nossa intenção com a exposição do seu caso não é tratá-lo como um “tipo ideal” (WEBER, 2004) do morador jovem, branco, masculino do bairro da Santa Marta. De fato, embora seu histórico seja desviante mesmo no bairro da Santa Marta, poderia ser inserido em um certo padrão

de delinquência e/ou crise de identidade próprio da juventude local, onde são relativamente comuns a falta de educação formal e de perspectiva de crescimento econômico. Nos interessa, contudo, ir além do reducionismo da tipificação de “delinquência”, onde estar-se-ia nublando a possibilidade de compreender mais especificamente a sua inserção num sistema particular espaço-temporal de simbolização, bem como os efeitos da inclusão degradada (MARTINS, 2012), que se expressam em sua trajetória. A assincronia deste sujeito com o que compreendemos como “moderno” ou adequado ao moderno age simultaneamente a um não-individual deslocamento do campo para a cidade, agravado por uma liquefação das formas tradicionais de economia do campo, que desfazem a centralidade da importância das formas sociais próprias da ruralidade no seu futuro, ao mesmo tempo em que os insere na cidade apenas de maneira parcial.

Cabe destacar, ainda, que jovens de outras famílias observadas frequentemente conseguem desempenhar trabalhos no campo ou na cidade e avançar nos estudos (geralmente até a conclusão do ensino médio). Essa é uma situação regular entre os jovens das famílias que têm acesso à terra e casa própria, fator que, ao nosso olhar, confere segurança e estabilidade. Estes, quando questionados, expressam maior contentamento com seus modos de vida e otimismo em relação ao futuro no local.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente texto deriva de um estudo em desenvolvimento. A inexistência de estudos anteriores sobre a localização, tal como de dados sobre a fundação do bairro por exemplo, nos leva à necessidade de uma investigação contextual mais dispendiosa que, neste momento, ao passo que nos limita o aprofundamento nos aspectos mais individuais dos sujeitos entrevistados, sedimenta e sistematiza informações de um estudo em sedimentação. Destarte, por hora nos parece significativo o fato de que, apesar de o bairro expressar crescimento demográfico e certa urbanização, formas de economia rural persistem em movimento sem dar sinais significativos de apagamento. Formas próprias de saber e experiência rural se reconfiguram no espaço, apesar de o êxodo rural — e o interesse pela cidade — serem constantes entre a juventude. Desta maneira, dando especial atenção ao caso da “zona”, notamos com o bairro da Santa Marta se desenvolve também em um processo de alteridade ao centro da cidade e àquilo que é propriamente “moderno”

ou “urbano”, de maneira que a aproximação simbólica do bairro com essas possíveis formas de identificação é também contingencial às (e reprodutora das) diferenças entre “centro” e “periferia” na cidade de Camaquã. Assim, a inclusão do bairro e de sua juventude nas sociabilidades da cidade não levam ao esvaziamento das diferenças entre as oposições aqui trabalhadas, mas, apesar da mútua influência, a uma sobrevivência das relações de diferenciação.

REFERÊNCIAS

- CARNEIRO, M. J. O ideal rurbarno: campo e cidade no imaginário de jovens rurais. In: SILVA, F. C. T., SANTOS, R., COSTA, L. F. C. **Mundo rural e política: ensaios interdisciplinares**. Rio de Janeiro: Campus, 1998.
- DERRIDA, Jacques. **O monolinguismo do outro ou a prótese de origem**. Porto: Campo das Letras. 1996.
- DURKHEIM, Émile. **A divisão do trabalho social**. São Paulo: Martins Fontes. 1999.
- FREYRE, Gilberto. **Rurbanização: Que é?** Recife: Massangana, 1982.
- HILSINGER, Roni. **O território do tabaco no sul do Rio Grande do Sul diante da convenção quadro para o controle do tabaco**. 2016. 223f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- MARTINS, José de Souza. **A Sociedade Vista do Abismo: novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- MARTINS, José de Souza. **Uma Sociologia da vida cotidiana: ensaios na perspectiva de Florestan Fernandes, de Wright Mills e de Henri Lefebvre**. São Paulo, Contexto, 2014.
- MENDONÇA, Daniel de. LINHARES, Bianca. BARROS, Sebastián. O fundamento como “fundamento ausente” nas ciências sociais: Heidegger, Derrida e Laclau. In: **Revista Sociologias**, vol.18, nº41. Porto Alegre. 2016, p. 164-194.
- WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. A ruralidade no Brasil moderno. Por un pacto social pelo desenvolvimento rural. In: GIARRACCA, Norma. **¿Una nueva ruralidad en América Latina?**. Norma Giarracca. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. 2001.
- WEBER, Max. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.